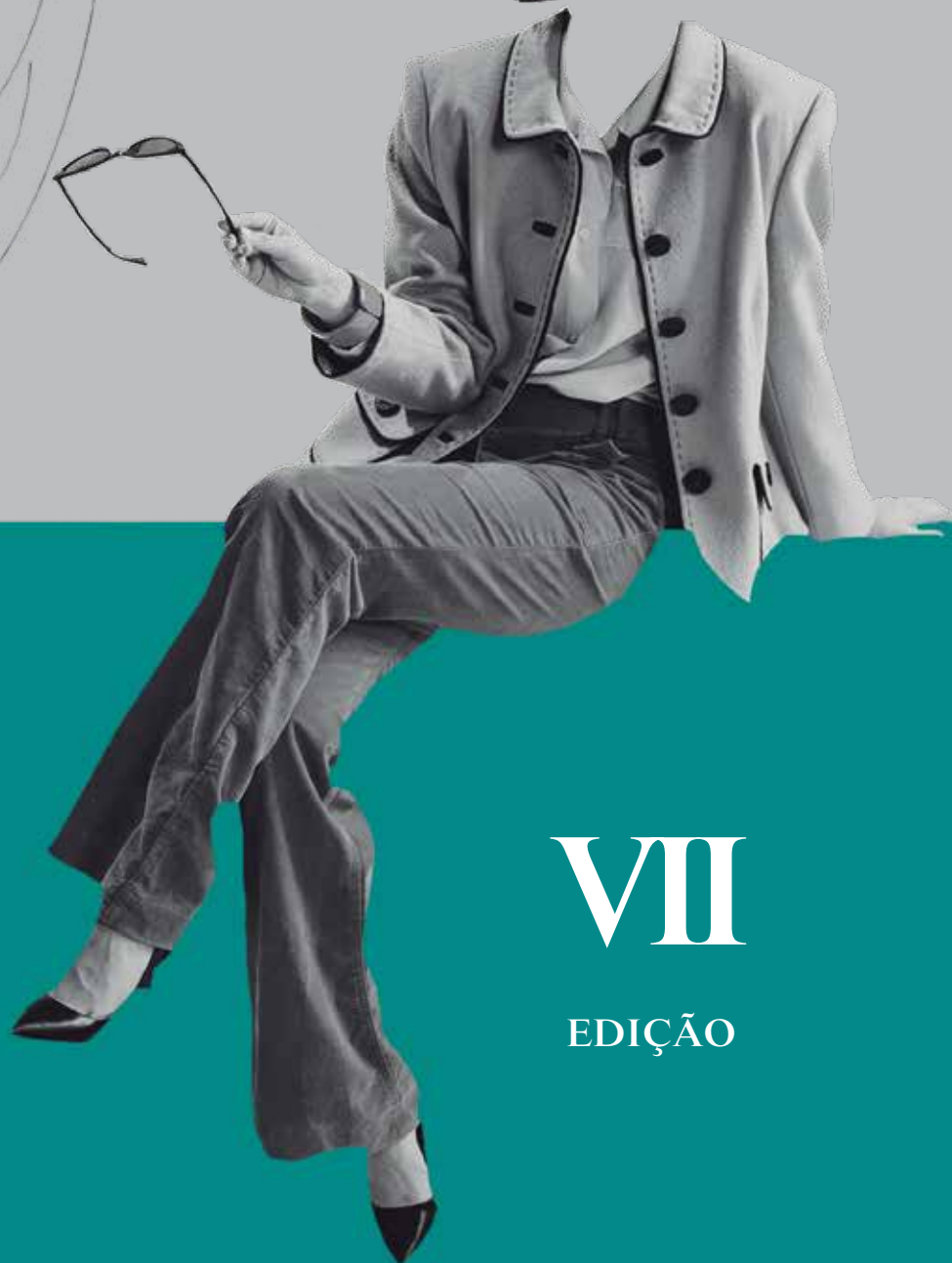


MUSEOLOGIA

V.1, N. VII - AGO. 2025

EM FOCO

#1 ENTREVISTA COM
MUSEOLÓGO(A)



VII

EDIÇÃO

REVISTA DO CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA
5ª REGIÃO PR/SC

© 2025 Corem 5R

MUSEOLOGIA EM FOCO

Revista do Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

DIRETORIA EXECUTIVA (Gestão 2022-2025)

Presidente
Franciele Maziero

Vice-presidente
João Paulo Corrêa

Secretária
Denize Gonzaga

Tesoureira
Fernanda Cheffer Moreira

Conselheiros(as) titulares
Denize Gonzaga
Fernanda Cheffer Moreira
Franciele Maziero
João Paulo Corrêa
Marcella Monteiro Borel
Letícia Oracilda Acosta Porto

Conselheiro suplente
Luan da Rosa Pacheco

EXPEDIENTE

Edição
COREM 5ª REGIÃO PR/SC

Coordenação
Franciele Maziero - presidente

Projeto gráfico e diagramação
Denize Gonzaga

Edição e revisão textual da entrevista
Denize Gonzaga

Concepção de capa
Denize Gonzaga

Transcrição da entrevista e ISSN
Fernanda Cheffer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado pelo Bibliotecário Douglas Lenon da Silva (CRB-1/3655)

M986 Museologia em foco: revista do Conselho Regional de Museologia 5ª região PR/SC [Recurso eletrônico] / Conselho Regional de Museologia 5ª região (COREM5R), v. 1, n. 7 (Entrevista com museólogo(a)) - Florianópolis, SC: COREM5R, 2025-.

Mensal

ISSN: 3085-8623

1. Museologia. 2. Museus. 3. Museus - Periódicos. I. COREM5R.

CDU 069

COREM 5R - AV. MAURO RAMOS, 1344 - FUNDOS - CEP 88020-320 - FLORIANÓPOLIS/SC

As falas dos entrevistados são de sua inteira responsabilidade.

Apresentação

Em 2024, a Lei Federal n.º 7.287/1984, que regulamentou a profissão de museólogo no Brasil, completou 40 anos, mais precisamente no dia 18 de dezembro, data em que se comemora o Dia do Museólogo. Foi um ano mais que especial para todos os profissionais de Museologia do país e, sobretudo, para todos aqueles que lutam pela profissionalização dos museus e espaços de memória, e principalmente pela valorização da profissão.

Em comemoração a esses 40 anos, o COREM 5R realizou o projeto “Live com Museólogo”, por meio do qual foram entrevistados diversos(as) museólogos(as) registrados(as) e atuantes no Conselho. Ao todo, foram realizadas 10 *lives*, que culminaram em entrevistas que serão reunidas nesta publicação ao longo de 2025, tornando-a fonte de pesquisa, de estudo e informação a trabalhadores, estudantes e interessados. Mas, mais do que um aporte técnico e institucional, esta revista tem como principal objetivo disseminar o conhecimento e atuação dos(as) nossos(as) registrados(as) nos diversos museus de nossa jurisdição.

As entrevistas foram realizadas com museólogos(as) de diferentes campos da Museologia, desde Gestão Estratégica até Comunicação Museológica, passando pelo olhar educativo dos museus e o seu papel como instituições de pesquisa e ciência.

Estamos muito felizes que chegamos a 7.^a edição com a entrevista na íntegra com a museóloga Ana Luisa de Mello Nascimento. Agradecemos a todos(as) que aceitaram o convite; a todos(as) que deram o suporte necessário e contribuíram com seus conhecimentos para que esta publicação se tornasse realidade e a todos que nos assistiram e nos acompanham no Instagram. Desejamos que todos os assuntos e informações sobre a área aqui tratados sejam úteis para todos(as) que se interessam por Museologia.

Publicaremos mais três edições até o final de 2025 com esta proposta e, em 2026, teremos novidades na revista. Acompanhem-nos nas redes sociais. Boa leitura! ■

ENTREVISTA COM MUSEÓLOGO(A)
ANA LUISA DE MELLO NASCIMENTO



Eu sei que dentro da Museologia [...] às vezes você não vai encontrar oportunidade, mas vai ter que fazer a sua oportunidade. Não tem jeito. [...] Às vezes não tem, e a gente foca no problema. “Não foca no problema, vai atrás da solução”. Vai criar, vai empreender.

Ana Luisa vive em Curitiba/PR. Museóloga do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR), é mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPR (2018), pós-graduada (Lato Sensu) em História Social da Arte pela PUC-PR (2013) e graduada em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2006).

Franciele Maziero | Boa noite a todos. Boa noite, Ana.

Ana Luisa de Mello Nascimento | Oi, boa noite.

Franciele | Oi, Ana, boa noite, como você está?

Ana Luisa | Tudo certinho, tudo bem.

Franciele | Que bom. Obrigada por ter aceitado o convite para participar desta *live*, que era pra ter acontecido em setembro. Ficamos muito felizes com a sua presença.

Ana Luisa | Ah, imagina. Eu que agradeço o convite de vocês. Inclusive até foi uma indicação da Luana, uma colega de profissão. É um prazer poder contribuir.

Franciele | Sim, imagina vocês, museólogas do Paraná, arrasando. (risos). Ana, começa falando pra nós um pouco sobre você, onde você mora, sua formação, onde se formou, em que ano.

Ana Luisa | É muita coisa (risos). Vamos por partes. Apesar de estar no Paraná, sou museóloga aqui em Curitiba e trabalho no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE/UFPR), eu sou museóloga, na verdade, formada lá na Escola de Museologia do Rio de Janeiro, pela Unirio. Eu entrei — nossa senhora, não queria falar isso — em 2001 na faculdade e me formei por volta de 2006. Você não vai fazer as contas... Eu vim para o Paraná mais ou menos em 2011. Então toda a minha formação foi no Rio de Janeiro. As minhas primeiras experiências aconteceram nos museus de lá, até que eu vim para cá.

Franciele | Vamos conversando... Então você é natural do Rio, se formou lá e toda a sua trajetória antes de entrar aqui se deu lá no Rio de Janeiro. É isso, né?

Ana Luisa | Isso. Desde o estudo da graduação, dos estágios, minhas primeiras experiências, o meu primeiro concurso também foi tudo no Rio de Janeiro e só a partir de 2011 é que eu me assentei aqui na UFPR, em Curitiba especificamente. E estou tendo essa experiência incrível aqui no Paraná.

Franciele | Que bom, Ana. A gente fica bem feliz. E o que que te fez entrar na Museologia? Já trabalhava em museu?

Ana Luisa | Na Museologia, você diz escolher a graduação?

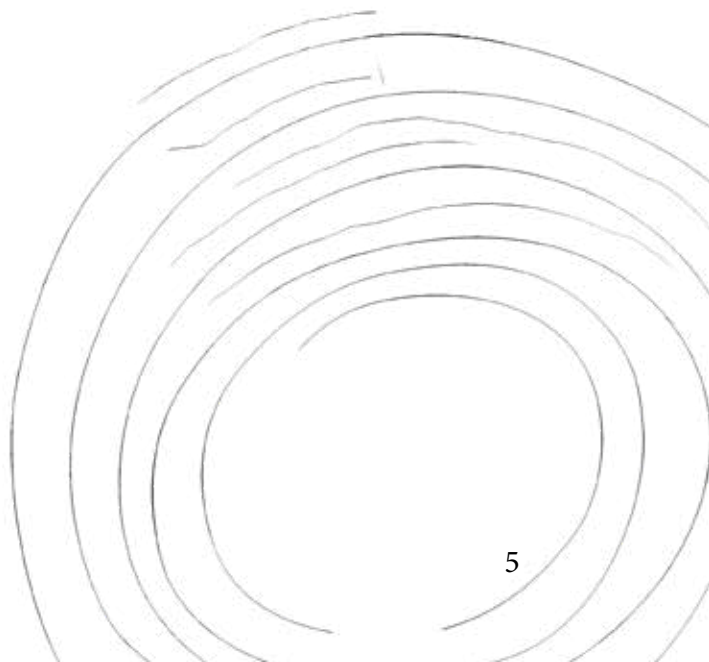
Franciele | Isso, exatamente.

Ana Luisa | Olha, essa história é boa. O pessoal da minha época, que era da minha turma, cansou de ouvir. Eu era uma

criança apaixonada por museus. Na verdade, eu morava no interior do Rio de Janeiro. Eu sou carioca, mas fui criada no interior do Rio. Então, toda vez que eu ia passear no Rio de Janeiro, meu pai me levava no Museu Nacional, lá na Quinta da Boa Vista, e eu amei aquele museu desde criança. Foi paixão à primeira vista. Eu fiquei alucinada e cismei que ia trabalhar no museu. Não havia quem me tirasse da cabeça. E na época a criança falou “Ah, eu vou fazer Arqueologia”. E a minha mãe falou “Ah, uma hora passa, né?” Fui crescendo, foi vindo a adolescência, a pessoa gostando de museu, gostava de passear em museu, em outros museus que eu fui conhecendo, porque fui morar no Rio de Janeiro depois dos 11, 12 anos. E minha mãe viu que não ia sair da cabeça. Eu cismei que ia fazer Arqueologia, porque eu achava que, com a Arqueologia, eu poderia trabalhar no museu. Até que o meu padrasto, que fazia música na Unirio, falou que existia Museologia e me mostrou o que era um pouco do curso. Eu falei “É isso aí o que eu quero”. Na minha cabeça, quando eu entrei no curso de Museologia, eu ia trabalhar no Museu Nacional. Foi meio desse jeito, por paixão. Eu adorava. Ia ao museu visitar. Não só ao Museu Nacional. Ele era a minha paixão principal, mas eu adorava o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), o MAM Rio [Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro], o Museu Histórico Nacional (MHN), o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Eu conhecia o Paço Imperial. Adorava passear. O museu era a minha fissura. É bem maluco, criança doida mesmo. (risos)

Franciele | Gostei! Então você se formou no Terceirão, como a gente fala, e já foi direto pra Museologia?

Ana Luisa | O Terceirão já é muito moderno. Eu sou da época do Segundo Grau, do Ensino Médio...



Franciele | Ah, Segundo grau, sim.

Ana Luisa | Terceirão (me sinto até novinha falando isso). Fiz o Ensino Médio e prestei o vestibular. Na época não tinha Enem [Exame Nacional do Ensino Médio]. Era vestibular direto. Eu tentei e passei. Eu tentei vários vestibulares. Fui obrigada pela minha mãe a tentar outros vestibulares, porque só a Unirio, no Rio de Janeiro, tinha Museologia. Então ela falou “Cê vai tentar o que pras outras?” “Ah, vou tentar Português/Literatura”. Mas sabe quando você vai meio que... Não queria... Queria Museologia. E quando eu passei, fiquei superfeliz. Então eu entrei e fui direto pra graduação de Museologia. Não teve outro intermediário no meio do caminho.

Franciele | Sim, você já trabalhava na época ou era só estudante?

Ana Luisa | Era só estudante. Então não tinha experiência, mas logo que eu entrei na faculdade, em 2001, eu fiz o primeiro semestre e já queria conseguir um estágio que fosse voluntário, óbvio, no Museu Nacional, que era a minha fissura. E aí a gente teve uma grande greve na metade do ano. Eu falei “Ai, tô entediada”. Dentro de casa, não tinha que fazer... Aí eu fui arrumar um estágio, fui por três dias consecutivos no Museu Nacional, até conseguir falar com alguém, arrumar um estágio voluntário. É uma história meio maluca. Comecei como voluntária, no setor de Museologia. Logo depois consegui uma bolsa de estágio desde o segundo período e fiquei até o fim da graduação estagiando no setor de Museologia do Museu Nacional. Eu trabalhava com as exposições diretamente do museu. Então sou uma pessoa meio doida pelo Museu Nacional.

Franciele | Uma fissura mesmo! (risos) Como foi a tua faculdade? Teve alguma inspiração?

Ana Luisa | Olha, na época o currículo era bem diferente. Acho que já teve umas duas ou três alterações desde que eu estive na graduação, mas o que eu mais gostava era o equivalente à História da Arte, um outro nome gigante, mas era História da Arte. Era a minha paixão. Então, como era uma fissurada no Museu Nacional, gostava muito de Egito também. Lógico, quem não, se tem uma coleção de Egito, como uma boa criança, tinha todos os fetiches possíveis, tradicionais. Eu gostava muito de História da Arte, pois era uma matéria a que eu me dedicava bastante a estudar, mas eu gostava de toda a História da Arte. Tanto é que eu cheguei a ser monitora também de uma das disciplinas de História da Arte no Brasil. Agora, não vou me lembrar o número, porque já faz muito tempo, mas era uma equivalente ao que ao estudo do Barroco, do Rococó, enfim. Então a gente estudava as igrejas brasileiras, e eu cheguei a ajudar a professora. Mas então me marcou muito a História da Arte. Eu gostava das matérias de História, apesar de que eu tinha alguns problemas na época na matéria, porque, enfim, às vezes misturavam as turmas, não tinha professor só pra Museologia e ficava um negócio meio difícil de acompanhar. Mas a História da Arte foi minha maior inspiração, porque era realmente um cruzamento entre o que eu conseguia ver nos museus, as coisas que eu admirava, que eu lembrava também — eu gostava muito de ler — da Literatura... Eu conseguia absorver um pouco essa parte. Acho que a melhor inspiração foi História da Arte.

Franciele | Você trabalha com História da Arte ou tem esse contato?

Ana Luisa | Não, hoje eu trabalho no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, mas é uma coisa que eu adoro. Mas minha paixão era História Natural, e eu cismeiei com Arqueologia. Era História Natural a minha fissura. Só que eu entrei,

e a gente descobre, vai entendendo o que é Arqueologia, Antropologia, o que é tudo aquilo. Mas na graduação eu não tive boas experiências com Arqueologia. E não tinha coisas específicas de História Natural. Era dividido. Tinha cadeiras de Antropologia. Era tudo muito separadinho. Tinha cadeira de Paleontologia. Tudo meio solto. E, no final das contas, na faculdade, eu adorava História da Arte, mas era apaixonada por trabalhar no Museu Nacional, com História Natural, com essa mistura toda da parte das Ciências Naturais. E, no final, hoje eu atuo no museu que trabalha com a parte de Antropologia e com a parte de Arqueologia, que não deixam de ser as coisas de que também eu gosto muito, senão também não estava hoje aqui. Já trabalhei em museu de arte, em dois museus de arte no Rio de Janeiro, antes de vir aqui pro Paraná.

Franciele | Sim. E você tinha contato com os professores museólogos no curso? Como era essa relação?

Ana Luisa | Era muito interessante, porque, na verdade, o curso de museus surge lá no Rio de Janeiro. Então todos os professores, basicamente, eram museólogos. Poucos professores que não eram; só os da Filosofia, da História, tinha um ou outro da Ciência da Informação, na época, também, que não era, ou coisas muito específicas, como Ecologia Geral, que era biólogo que dava, mas em geral com todos os outros a proximidade era com museólogos: Ivan Coelho de Sá (conservação) — acho que ele não deve estar diretor ainda da Museologia — foi meu professor de História da Arte; Regina [Elisa de Miranda Lago] Bibiani, que era especialista em Heráldica e Numismática. Então eu adorava conversar com os professores e, acima de tudo, como eu fui para o Museu Nacional, fui ter essa experiência prática, trabalhei com uma museóloga do Museu Nacional, que era a Thereza Baumann na época, e conheci outros colegas, até mais avançados de turma, que já estavam mais pra frente, pra se formar também, que se formaram antes de mim. Então, foi uma experiência muito legal. E conheci também museólogos que trabalhavam em outros departamentos do Museu Nacional. Pude assim conversar um pouco com uma diversidade de museólogos trabalhando em departamentos do museu. Tinha uma museóloga que trabalhava na parte de vertebrados, outra na de Paleontologia, outra na de Etnologia, outra na reserva técnica de etnografia indígena. Então eu sempre conversei muito com os profissionais. Eu gosto muito e sempre gostei de atuar. Ver a profissão na prática faz muita diferença. E os professores sempre deram uma bela ajuda. Um ou outro falava “Olha, o curso é puxado, cê tem certeza que cê vai conseguir estagiar?” Porque na Unirio era integral. As aulas eram de manhã e de tarde. Não sei como é que tá agora, mas era uma loucura. E o pessoal me incentivava, mas eu sempre falei “Não, eu preciso ver a prática.” Então eu sempre rodei bastante pra conversar com os professores. Eu era monitora também da professora Marisa [Vianna Salomão]. Eu sempre me acostumei a conversar com os profissionais pra poder justamente já me enfiar ali no campo, conhecer as possibilidades um pouquinho.

Franciele | Quando você fala “é uma loucura”, te pergunto: quais foram as dificuldades que você teve durante a faculdade? Teve dificuldade financeira?

Ana Luisa | Quem nunca? Na verdade, eu morava com a minha mãe no Rio e estava tudo tranquilo no início, no primeiro período da faculdade. Mas ela se mudou do Rio de Janeiro, e eu fiquei com o meu irmão, que estava terminando o Ensino Médio. E aí foi mais puxado, porque realmente o dinheiro apertou. Na época, a gente não tinha tanta facilidade de internet, então tinha que dar conta de uma série de livros e xerox — nem sei se hoje em dia o pessoal tira tanto xerox e cópias. E mais comer. Não tinha RU [Restaurante Universitário] na Unirio — não sei se já tem, pois a Unirio é pequenininha;

apesar de ser federal, ela é uma universidade muito pequena. Então passei um “perrengue” brabo, de ter que economizar muito, parte financeira, e era muito difícil pensar que eu só poderia ter — por isso também fui correr atrás de estágio, de já querer me mexer — algo remunerado mais pra frente. Não se tinha a quantidade de bolsas que existem hoje — só pra vocês terem uma ideia, essa quantidade de bolsas que existem hoje é realmente depois do primeiro governo Lula; antes disso não havia essa quantidade de bolsas, nem para pesquisa; eram algumas poucas de iniciação científica que existiam; monitoria também eram poucos professores que tinham; extensão então era um deserto. Acho que a maior dificuldade foi financeira pra conseguir me manter e a quantidade de matérias, porque justamente tinha dia que tinha aula de manhã e de tarde. Então, como conseguir um emprego tendo que dar conta de estudar as matérias, às vezes de manhã, de tarde ou de manhã e de noite. Conciliar isso foi difícil. Pra mim melhorou no segundo ano, terceiro período, quando eu consegui o estágio do Museu Nacional. Foi quando eu consegui dar um respiro muito bom. Eu me virava, por exemplo, com monitoria pra exposição. Eu me enfiava onde dava e economizava no que podia. Então acho que a dificuldade maior foi financeira.

Franciele | Eu vi no seu currículo que você tem essa expertise em educação financeira. Depois fala um pouquinho pra nós. Eu pensei “Que interessante uma museóloga que entende de educação financeira”. Nós, brasileiros, precisamos disso. (risos)

Ana Luisa | Isso é uma coisa mais da minha história recente, de 2019 para cá. Uma nova área, uma nova descoberta, mas antes disso eu digo que eu tomei muitas escorregadas financeiras na vida, alguns acertos também, mas também umas belas escorregadas, como todo bom brasileiro. Até que eu fui estudar e aprender e eu acabei gostando da área também. Então resolvi falar “poxa, isso é importante, eu vou também ensinar isso”. Então eu trabalho com a educação financeira no contraturno. Eu tenho meu lado museóloga e o lado educadora financeira também. Minha agenda está sempre lotada.

Franciele | E sobre os professores. Teve alguém que inspirou na época?

Ana Luisa | É interessante, porque tinham alguns professores que eram ótimos. Eu sempre gostei muito do Ivan [Coelho de Sá]. Acho que até hoje muitos alunos são apaixonados por ele. Ele tem um brilho nos olhos, de um museólogo que dá o sangue. E, apesar de a área de dele ser conservação, ele dava as aulas de História da Arte, pois ele tem especialização nisso, mas trabalha com conservação. E ele é apaixonado por dar aula, pela Museologia, é uma pessoa que você vê o amor nele. Então eu acho que o professor Ivan, apesar da área dele não ser aquilo — eu não gosto de conservação, já falo logo; a gente tem que ter a área que a gente gosta, eu sou obrigada, a gente sabe, faz tudo bonitinho, mas você ama de paixão conservação? Não —, foi realmente uma pessoa que me incentivou demais. Inclusive eu digo que acho que ele me salvou. Bem no final da graduação, eu tava esperando fazer concurso na época, não sabia muito onde eu ia trabalhar. Sabe aquele período que você sai de estagiário para desempregado? Tinha a Graciele, uma colega que hoje é diretora do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc), e a Raquel, que agora eu não me lembro em qual o museu ela está, mas está no Espírito Santo, em Juiz de Fora. E a gente morava juntas... Eu tava meio perdida, não sabia o que eu ia fazer, cheguei a tentar um reingresso em História pra ver se eu conseguia dar aula, porque eu fiquei meio perdida enquanto não fazia o concurso, e o Ivan abriu o projeto de memória da Museologia, na Unirio, e me chamou para trabalhar (foi minha primeira experiência como museóloga). E aí eu e as minhas outras duas amigas ganhamos

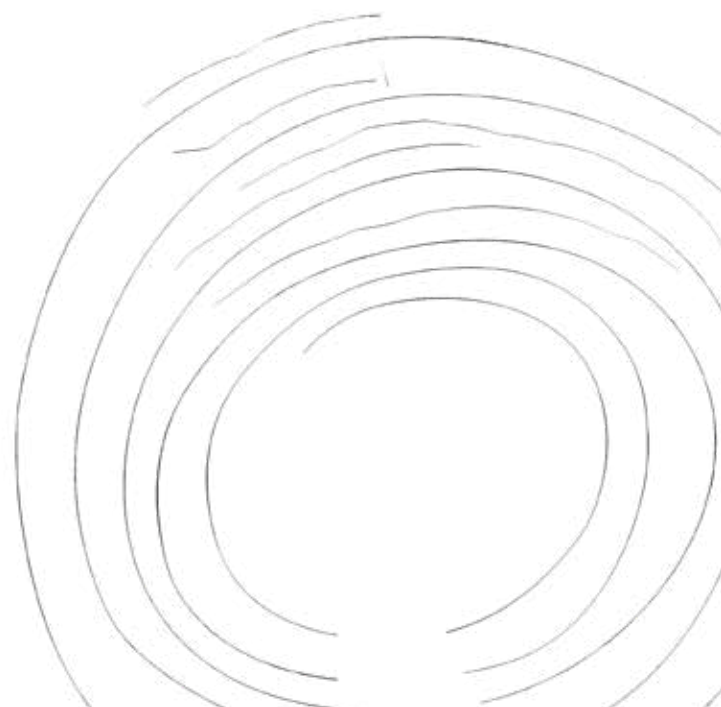
uma bolsa, como de pesquisa, e a gente ajudou na organização do primeiro núcleo de acervo de História da Museologia, que o Ivan começou a montar. Eu digo que acho que ele me inspirou, me ajudou muito. Ele era uma pessoa que dava força pra gente. Então é o que eu falo: da área dele, conservação, eu não sou fã, mas como pessoa, fez muita diferença na minha vida, uma pessoa que me incentiva, que faz, que olha pra você e acredita, e fala. Ele realmente investe nos alunos. Ele cobra, é carrasco, mas você vê que é uma cobrança necessária. Ele olha pra gente como profissionais, futuros profissionais. Então tenho muito carinho pelo Ivan.

Franciele | Sim, um abraço para ele. Eu encontrei com ele....

Ana Luisa | Um grande abraço. Cê encontra ele? É um amor de pessoa.

Franciele | Sim, eu encontrei com ele no evento no Rio de Janeiro, em maio, no MAST [Museu de Astronomia e Ciências afins], um museu muito bacana. E as suas expectativas, antes, durante a faculdade? Antes era uma apaixonada, depois entrou. Como foi ver a realidade? Mudou ou não?

Ana Luisa | Muda, né? Porque é isto: eu entrei apaixonada por um ideal, um sonho de ir trabalhar no Museu Nacional e realizei. Foram basicamente três anos e meio, quase quatro anos. Tive uma bela de uma experiência. Só que, ao final da graduação, você começa a se deparar com uma realidade. “Tá, mas e aí? Pra trabalhar no Museu Nacional preciso passar por um concurso, disputadíssimo, diga-se de passagem. Então a gente vai tentar, mas não é garantido. Então você vai ter que desapegar disso. Mal ou bem, eu gosto de trabalhar em museu. Acho que é triste eu não poder ficar no Museu Nacional, mas é a vida, né? Vida que segue. A maturidade também veio, e aí eu me abri, obviamente, a outras possibilidades. Pensei “Ok, não vou poder ficar pra sempre no meu sonho de criança de trabalhar no Museu Nacional. Já realizei isso, sou grata. Se tiver a oportunidade de voltar, eu volto”. Tentei concurso pra lá, infelizmente não passei, mas uma outra colega minha passou. Era estagiária na mesma época, passou, teve uma excelente pontuação e entrou. Falei “Bem, a gente, vai tentar concursos, vou tentar possibilidades.” Eu abri as possibilidades. O Ivan foi o primeiro, num projeto de memória da Museologia. E, como falei, eu tava num reingresso, fazendo História. Por causa da minha experiência com Museologia, eu consegui uma bolsa na época de graduação, no Instituto Cultural Cravo Albin, pra trabalhar com conservação de audiovisual, mas, como eu falei, eu não sou muito fã de conservação. Então consegui uma indicação para o Museu da Chácara do Céu, um museu



de arte lá no Rio de Janeiro, que tem tanto a parte de acervo histórico, do Raimundo Antônio de Castro Maia, quanto também um acervo artístico, da coleção do Raimundo. Então foi uma experiência muito legal. Eu trabalhei com catalogação na época. A base de dados era o [sistema] Donato. Ainda não tinham as bases mais atuais. Então, trabalhei fazendo catalogação de acervos, documentação. Foi um contrato como profissional. Na sequência, eu consegui uma indicação, porque é isto. Você vai entrando, as pessoas vão te indicando, você vai conhecendo, conversando com os profissionais. E aí eu consegui uma indicação pra trabalhar também uma parte de documentação museológica no Museu Nacional de Belas Artes [MNBA]. Fui trabalhar com documentação, catalogação, registro de acervo. Mas lá eu já conheci, fiz umas amizades com pessoas maravilhosas. E, além de fazer documentação, nos intervalos, eu ajudava com a conservação, a fazer higienização de peça. Acabou o trabalho, mas dá pra ajudar um pouco mais? Então foi uma experiência bem legal. Eu me abri pra essas possibilidades. Tive duas experiências em museus de arte que foram muito bacanas. E a História da Arte de que eu gostava tanto de poder ver aquilo e vivenciar também foi uma experiência bem interessante, completamente diferente do Museu Nacional, que tem Ciências Naturais, para o museu de arte. Mas vale a experiência. Muito bom. Você aprende bastante.

Franciele | Você atuou em que área dentro do estágio da faculdade, especificamente?

Ana Luisa | Com exposição. No estágio, eu basicamente trabalhava com as exposições do Museu Nacional, no setor de exposição. Era a gente que cuidava da exposição que já tava lá e também era responsável por algumas exposições temporárias, montagem de novas exposições, desmontagens. A minha grande experiência foi com exposição dentro do Museu Nacional na época do estágio. Aí eu vim ter outras experiências fora da exposição, trabalhando depois como profissional já, diretamente. Eu tive que botar na prática o que eu aprendi na teoria.

Franciele | E o Trabalho de Conclusão de Curso? Como foi? Você aproveitou o estágio?

Ana Luisa | Eu aproveitei. Como falei, era uma fissurada em Museu Nacional e em Egito. Então eu realizei meu sonho. Museologia é uma coisa que me realizou bastante, me realiza até hoje. Na época era fissurada em Egito, e amava o Museu Nacional, já fui me “aproximando” com o pessoal da Arqueologia, fiz uma amizade e conheci o egiptólogo do Museu Nacional, o professor Antonio Brancaglion. Por acaso, antes de ele entrar no Museu Nacional, eu já tinha feito uns cursos anteriormente, porque tinha tido umas exposições de Egito no Brasil, que tinham vindo do [Museu do] Louvre e passado pelo Rio de Janeiro. Então eu aproveitei todos os cursos que eu podia poder fazer. E depois eu fiquei sabendo que ele foi trabalhar no Museu Nacional. Aí eu aproveitei, já que gostava do museu, e pensei “Por que não fazer o meu TCC sobre o Museu Nacional?” Só que o museu é gigantesco, né? Então eu [inaudível] vou trabalhar com o Egito, já que eu gosto. E trabalhei com uma pesquisa de um recorte de uma coleção. Dentro da coleção Egito tem um conjunto de peças chamadas “estelas funerárias”, e essas estelas têm várias informações sobre as famílias, enfim, você consegue tirar muitas informações de dentro dessa coleção. E quase não havia estudos sobre ela. Todo mundo estudava as múmias, os escaravinhos. E coitadas das pedras lá paradas, cheias de informação. Aí eu falei “Eu não deixo. Eu quero, manda aqui que eu quero.” E fiz um TCC em cima dessa coleção. Eu falei um pouco da história da coleção egípcia, fiz uma pesquisa, mas foquei um pouco na análise de algumas peças, o que se

sabia de informações sobre aquelas peças dentro do museu. Fui pesquisar lá dentro do arquivo e fora também. O que a gente conseguia na época, com acesso que se tinha da relevância daquela coleção dentro pra própria coleção egípcia do museu. Eu trabalhei uma pesquisa de coleção.

Franciele | Pesquisa de coleção. Bem legal, bem interessante. Você se formou, depois já tentou concurso? Ficou desempregada. Como foi depois de estar formada?

Ana Luisa | E agora, né? Fiquei meio perdida, e o Ivan me salvou, me deu uma segurada. Depois eu fiquei sem a bolsa de pesquisadora, que me segurou durante um bom tempo. Então eu tava lá naquela bolsa da História, de quando começou a graduação, e fui tentando concursos, estudando, muito concurso. Dava pra esperar e fazer minha parte ao mesmo tempo. Eu tive um momento empreendedor (educação financeira - risos) e, na Unirio, vendia sanduíches e bolinhos na época que eu estava fazendo História e tinha bolsa. Aí quando eu recebi a indicação pra trabalhar nos museus como profissional, em contratos temporários, eu vi que não valia a pena ficar na conservação. Eu não me realizo fazendo trabalho de conservadora. A bolsa era pouquinho na época, e eu falei “Ah, acho que eu vou ficar melhor estudando e vendendo os sanduíches e os bolos”. Estudava Museologia e vendia bolo e sanduíche. E dava um bom dinheiro. Comida sempre vende.

Franciele | Imagina!

Ana Luisa | Fica a dica. Se você é estudante de qualquer graduação que seja, sempre vende bem e dá dinheiro. Então vamos ficar estudando e aguardando ser chamada para esses contratos temporários que já tinha assinado. Faltava só a verba ser liberada. Então eu fiquei nesses contratos. Acho que deu um ano, talvez, acabava o contrato, começava um outro. Me mantive estudando e passei no meu primeiro concurso (a minha vida é meio doida, tá?) pra Aeronáutica. Eu passei no concurso pra ser militar museóloga dentro da Força Aérea Brasileira. Então, fora as minhas experiências de estágio no Museu Nacional, fora a experiência lá com o Ivan, no projeto memória da Museologia, e esse de conservação do Instituto Cultural Cravo Albin, em conservação de audiovisual, e os trabalhos no Museu da Chácara do Céu e do Belas Artes com documentação, catalogação de objetos, de coleções, eu passo num concurso e fui para a Força Aérea Brasileira, ser militar museóloga. Fiz três meses de escola de oficiais lá em BH [Belo Horizonte], mas a minha vaga foi pro Rio de Janeiro. Então eu voltei pro Rio depois de três meses. E fui trabalhar no Campo dos Afonsos, que é perto da base aérea. Fui viver essa experiência diferente. A gente se abre ao novo, às vezes acontece. (risos)

Franciele | Adorei. E você ficou quanto tempo como museóloga militar?

Ana Luisa | Somando o tempo de escola de oficiais (uns 3 meses), eu não fiquei muito tempo, porque era um concurso, mas ele era temporário pra oito anos, podendo ser renovado por mais um, um negócio assim. Só que, novamente, olha o sonho, não era isso que eu queria. Eu aprendi muito sendo militar. É muito diferente. Um aprendizado incrível. O meu negócio era que eu falava “Não era isso que eu queria”. “Querida conservação, não era isso que eu queria.” Eu adorava as pessoas no quartel, na caserna, como eles falavam. Adorava aquelas pessoas, as amizades que eu fiz lá. Muito carinho, porque a gente se apegava às pessoas. Você acaba ficando muito próximo das pessoas do quartel, os amigos, os outros tenentes de outras áreas. Eu conheci tenente de várias áreas, de Arquivologia, de Biblioteconomia. Junta historiador, tenente historiador também, os praças, os sargentos. A gente aprende muito. Só

que eu acho que fiquei em torno de um ano e oito meses, menos de dois anos, porque eu continuei tentando concurso. Falei “Não era isso que eu queria”. Eu fiquei até feliz. Pensei “Tá legal, passei, eu vou trabalhar no Museu Aeroespacial” (também o conhecia desde criança, por causa do meu pai. Meu pai era pessoa que me levava no museu). E o Museu Aeroespacial eram duas vagas na época pra Aeronáutica. Eu e uma amiga, a Amanda Marques, passamos. Só que lá dentro a gente foi partida. Ela foi pro Museu Aeroespacial e eu fui para o Centro de Documentação. Talvez se eu tivesse parado lá no museu, cheio de aviões, motores, acho que talvez eu tivesse achado divertido. Mas eu fui parar no centro de documentação. Não achei muito legal, divertido. Aí eu realmente continuei tentando concurso e falei “Gente, eu não vou ficar, eu vou sair, é só temporário mesmo. Então eu continuei tentando concurso, e aí eu só saí para vir pra cá, quando eu passei na UFPR. Eu fui pesquisar, porque eles não diziam pra onde era a vaga, e vi que o MAE-UFPR era o maior. E falei “Hum, eu acho que eu vou para lá. Lá eu acho que eu vou gostar.”

Franciele | E você já conhecia Curitiba?

Ana Luisa | Não conhecia.

Franciele | Como foi essa mudança?

Ana Luisa | Foi muito interessante, porque quando eu vim fazer a prova, eu não conhecia Curitiba. Eu tinha feito vários concursos na época já, porque eu não queria ficar lá no quartel. Não era a minha expectativa. E, quando eu cheguei em Curitiba, no meio do inverno pra fazer a prova... Gente, a pessoa sai carioca pra poder fazer uma viagem... E pra você ter uma ideia fez 3 °C no dia da prova. O mais gelado que eu peguei foi em Teresópolis, na casa da minha mãe, uns 7 °C, e aquilo já era congelante. Eu peguei 3 °C no dia da prova. Meu dedo... Eu não conseguia escrever. Mas eu gostei muito da cidade. Eu passei pela cidade, eu andei. Achei o curitibano engraçadíssimo. O carioca normalmente não gosta muito dos curitibanos. O pessoal diz que eles não falam, mas eu achei engraçadíssimo. Você perguntava uma coisa, eles tomavam um susto e depois “Ah, ela tá perdida”. Mas eu gostei demais da cidade, e aí eu olhei e falei “Nossa, eu acho que se eu viesse morar aqui, ia ser feliz”. E aí eu já vi que tinha o maior museu, o museu de Arqueologia e Etnologia. Eu falei “Acho que isso tem um pouco mais a minha cara. Acho que eu vou gostar.” E aí quando saiu o resultado, eu tinha passado, avisei o namorado na época, que agora é marido. Falei “Ó, acho que eu vou passar um concurso, acho que a minha nota foi boa, se não der nada errado...” E, no final das contas, foi bem isso que aconteceu. Passei no concurso, eu vim, o namorado veio, virou marido. A gente se instalou desde 2011 e não quer mais voltar, porque aqui a gente gostou demais de Curitiba, da cidade, eu gostei do museu, adoro o trabalho lá. Toda uma procura até falar “Puxa, aqui eu gosto, fico, aceito. Aqui é o meu lugar.”

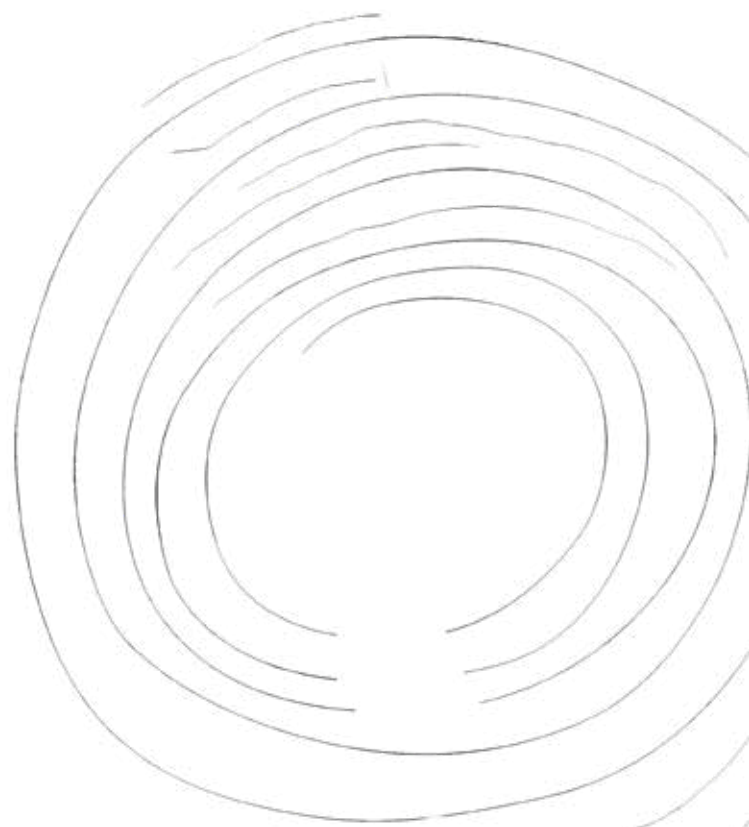
Franciele | E hoje, qual é o seu trabalho dentro do MAE, porque você é museóloga, mas tem também uma colega, que também é museóloga, a Tamara [Evangelista].

Ana Luisa | Gente, foi um período difícil, porque eu fui a primeira museóloga da UFPR. Então eu era tipo um ornitorrinco aqui. Eu tava feliz e todo mundo me olhando. Achava que as pessoas me achavam meio doida às vezes, mas foi uma experiência bem legal. Eu acho que é uma experiência bacana, do pessoal entender que quando você cai no museu e não há museólogos, você vai ver que tem muita coisa para fazer e você não vai dar conta. Então você vai ter que priorizar. A minha chefe na época, a diretora, era a Márcia [Cristina Rosato]. Foi um período conhecendo o museu, lendo sobre o museu, conhecendo as áreas, visitando. E eu vi que precisava

de muita coisa. Eu falei pra ela “Olha, eu posso fazer muitas coisas, mas o que você precisa que eu faça?”. Falei para ela que a minha maior experiência (mesmo que eu tenha trabalhado no centro de documentação, da Aeronáutica, eu não fiz catalogação, eu fui trabalhar com exposições da Porto Aérea), mal ou bem, era com exposição. E eu gosto de trabalhar com exposição”. Então ela olhou e falou “Olha, o museu tá recém-restaurado e não tem exposição. Se você quiser então pegar isso para você...”. Aí eu abracei e falei “Esse filho é meu!”. Então a gente teve que fazer um pouco de conservação, ajudar um pouco na documentação. Só que o meu trabalho principal sempre foi a parte das exposições e é algo que hoje, agora com a equipe maior também, eu trabalho com as exposições do museu, sou a responsável.

Franciele | O museu tem exposições de longa e de curta duração? Você coordena a montagem e a concepção das exposições?

Ana Luisa | Sim. O MAE hoje tem uma exposição de longa duração, que ocupa o primeiro andar (o museu tem três espaços). A gente tem a reserva técnica e o espaço MAE, que é um espaço expositivo, os dois são em Curitiba, e a gente tem a sede histórica do museu, em Paranaguá, no litoral. Fica no colégio jesuíta, e lá são três andares. Então, atualmente a gente tem um andar de cima, que é por onde as pessoas entram à exposição de longa duração de cultura popular. Também participo, pois, como eu sou responsável pelas exposições, foi tudo. Mas a gente tem as temporárias também. A de curta e média duração a gente também faz. Aí eu cuido tanto dessas, que são feitas pelo museu, ou seja, são o nosso acervo ou são propostas pela equipe (eu acabo coordenando essas exposições temporárias do museu ou de longa duração também) e, quando vem uma proposta de fora, de certa maneira também acabo atuando. Às vezes eu recebo proposta pra fazer uma exposição em conjunto. “Ah, não é uma temática que o museu pegaria”, mas aí vem alguém, um professor de dentro da universidade ou alguém de fora e fala “Olha, eu tenho esse tema aqui pra trabalhar, eu tenho um material de pesquisa.” A gente faz junto também ou recebe exposições prontas. Só que, novamente, não passa só por mim. Existe a equipe do museu. A gente analisa se tem a ver. O que eu faço é cuidar do cronograma, pra ver se tem espaço, se dá pra montar, encaixar no mês tal. Então, no final, eu coordeno esse cronograma de exposições e acabo também estando à frente desses projetos, gerenciando os projetos de exposição do museu. Dá trabalho, mas é bom.



Franciele | Sim, imagino, a exposição não é só comunicar. Tem toda essa parte por trás de documentar, pesquisar. Chegar numa exposição na parte quase final, porque também não acaba numa exposição, é bem complexo, né?

Ana Luisa | E você tem que trabalhar em equipe. Eu acho que essa é uma dificuldade que muitas pessoas têm. E quem trabalha com a exposição, acima de tudo, tem que entender que o trabalho é de equipe. Você vai ter que delegar. Vou te dar um exemplo: eu não faço a pesquisa de conteúdo. Quem faz são os curadores de área (no MAE funciona assim). Então, a parte de Arqueologia quem vai pesquisar é o arqueólogo (graças a Deus). A gente faz um levantamento, eu participo de todas as reuniões de curadoria, mas a gente tem a historiadora, o antropólogo. Então eu deixo esse “grosso”... A gente tem os alunos pra mergulhar nisso também. No final das contas, eu trabalho muito mais com um projeto expográfico. As ideias loucas são as cores, a identidade visual. Novamente, eu trabalho com um designer ou com alunos de design, e a gente vai criando. Eu crio toda a ambientação, a ideia que vai ser passada, aquela sensação. Atuo muito mais nesse visual, o que vai ser passado, como se fosse um intermediário entre todas as linguagens, os especialistas. O designer tem que transpor isso, mas essa identidade tem ser coerente com o museu ou com o que a exposição está falando. Não pode ser um negócio completamente disparatado com o museu. Aí eu penso as cores, ajudo mais nessa parte criativa da expografia. É como se fosse transpor visualmente a mensagem da exposição. Ajudo um pouco nessa parte e a coordenar os prazos. “Olha, preciso desse material até a data tal”. “Ah, mas a gente quer fazer a legenda”. “Eu não quero legenda agora, eu quero isso, foca nisso.”

Franciele | Você se sente realizada hoje dentro do MAE? Quem é a profissional Ana?

Ana Luisa | Eu acho que, dentro do MAE, eu consegui me achar, dentro da área que eu gosto de atuar, as exposições, dentro da temática que mal ou bem eu gosto, porque é uma coisa mais próxima da criança que na infância gostava de História Natural, porque eu adoro essa parte de Antropologia, de Arqueologia, por mais que não tenha nada a ver com o Egito, mas é uma coisa muito gostosa trabalhar com Antropologia, né? E eu gosto de trabalhar com comunicação. Então, hoje eu me realizei muito. Eu digo que, de todos os lugares que eu acho que poderia parar, eu parei num excelente lugar. E como o MAE não é ligado a um departamento, porque é um museu universitário...

Franciele | Eu curto museu universitário...

Ana Luisa | Eu adoro, né? Eu acho que essa questão da Ciência, de pesquisar, de levar, de comunicar, fazer as pesquisas, ao mesmo tempo jogar isso para o público... Então o MAE, diferentemente de outros museus universitários, que muitas vezes estão dentro de departamentos (e isso engessa muito a estrutura do museu), é ligado, por exemplo, a uma pró-reitoria de extensão e cultura. Então a gente acaba tendo uma liberdade um pouco maior para trabalhar, porque é um museu mais departamental, como é o caso do próprio Museu Nacional, que nem é ligado a um departamento. O próprio museu é quase uma estrutura de universidade dentro da universidade. Então ali foi muito bom, porque a equipe também era muito nova. A gente chegou e construiu esse MAE de 2010, 2011 para cá. Na verdade, é uma equipe toda nova, que tem um algumas pessoas que entraram em 2009, 2010. Então eu faço parte desse novo MAE, que tava sem equipe, começou a ser construído e eu vi crescer. A Tamara, a outra museóloga, que eu trouxe, e hoje é minha amiga que trabalha nas ações educativas e veio do Rio de

Janeiro também. Aí eu vi o outro museu, o MusA, o museu de arte, que tem a Lidiane [do Nascimento Silva]. Então eu já estava no MAE quando a Lidiane veio. Eu me realizei no sentido de que eu pude construir, ver algo sendo quase que construído. Já existia o MAE, mas ele tava sem exposição. Então eu falei “Tá, mas como é a cara da exposição do MAE? Como se dá uma nova identidade para esse museu?” Existia uma cobrança em relação ao que o museu era antes e o que ele é agora. E, ao mesmo tempo, a equipe era nova, querendo mudar. A gente tudo da mesma idade (agora não sou tão nova, mas, na época, sim). Então eu acho que eu me realizei muito nisso, de poder botar a criatividade, usar as minhas habilidades na prática. Eu confesso que, para mim, como museóloga, eu me realizei. Meu pai brinca, pois ele ficou com muito medo quando eu escolhi Museologia. Ele falou assim “Meu Deus, o que ela vai fazer trabalhando como museóloga?”. Ele é da área de tecnologia. Aí ele chegou para mim uma vez e falou “Olha, para eu poder ficar quieto, calar a minha boca, você nunca nem ficou desempregada, de tanta vontade que tinha de trabalhar. Nunca precisou de nada, tá sempre fazendo.” Eu falei “É isso aí, pai, quando a gente quer a gente faz acontecer!” E eu gostei muito de trabalhar. Acho que aqui no MAE foi uma bela de uma oportunidade. Muitas vezes a gente quer ir pros museus já estruturados, mas você pegar um museu às vezes que tá precisando muito, que tá com lacunas, você tem essa oportunidade. Fazer um trabalho do zero é muito bacana. Você faz a história do museu ali também, né? Faz parte dessa história do museu.

Franciele | E o museólogo do futuro? Você comentou que o seu pai trabalha na área de tecnologia. Quem vai ser o profissional do futuro? Vai ser o que vai estar antenado com as tecnologias? Sempre pergunto isso para os nossos entrevistados...

Ana Luisa | O grande desafio são as adaptações de linguagem, porque manter o museu vivo (o museu é um organismo vivo) é você fazer essa adaptação de linguagem, pois tem que ser, as gerações mudam. Então, por mais que você tenha o tradicional, você vai ter que lidar de alguma maneira com as novas tecnologias. Não é possível você, depois de 2020 pra cá, com tudo o que aconteceu depois da Covid-19 e esse surto do on-line, essa explosão que teve, o museu estar fora das mídias sociais, da internet. Não dá pra você fazer mais isso. Você precisa estar inserido. Isso eu acho que para mim é um dos maiores desafios dos profissionais e dos próprios museus: agregar tecnologias, que tem custo ou manutenção. Acima de tudo, acho que os profissionais se abrirem à tecnologia, porque ela traz ônus e bônus, sempre. Então por mais que seja muito chato e pesado você fazer, por exemplo, conteúdo pra rede social, mas é fundamental pra você atingir um público mais novo. A tecnologia eu acho que é o grande desafio, e o grande ponto que o profissional tem que entender é que a tecnologia ajuda. Por exemplo, eu que sou da parte da comunicação, alcançar o público e falar de uma maneira diferente, às vezes o mesmo conteúdo e impactar as pessoas pra gerar esse interesse, conscientizar, difundir. Então, acho que um grande diferencial é você trabalhar com tecnologia de alguma maneira. Não precisa necessariamente saber fazer uma programação de um aplicativo, mas minimamente usar as tecnologias a seu favor, porque ajuda muito, de verdade, a tua instituição, e você no teu trabalho. E aí eu digo até não só para os museus... Uma vez eu conversei com alguém, eu não me lembro, faz um tempo, foi na pandemia, sobre o impacto nas profissões e as mudanças tecnológicas e que existia uma coisa que as pessoas têm que entender. Elas têm muito medo de tecnologia, dizem que vai roubar o trabalho. Sempre vai precisar de um ser humano por detrás daquilo. Quem configura aquilo é que faz a diferença. Vou dar um exemplo: hoje em dia a gente tem o tal do ChatGPT, que o povo fica em pânico com aquilo,

mas se você souber usar muito a ferramenta, ela vai te ajudar mesmo, pois ela otimiza o teu trabalho. Novamente, qual é o diferencial? Não é você pegar simplesmente o ChatGPT e gerar um negócio aleatório, horroroso lá, mas, por exemplo, para você gerar ideias e criatividade, ideia de nomes. Às vezes a gente precisa de um nome de exposição e tá todo mundo sem criatividade, bate um papo lá no ChatGPT, pega uma ideia, coloca *input*, ajeita. Saber manejar a ferramenta é o segredo. Todo mundo tem rede social, mas poucas pessoas sabem manejá-la, sabem olhar e comunicar com o público ou então usar isso pra poder alcançar as pessoas. Então a tecnologia tem as suas vantagens, que a gente não pode ver somente como inimigos, tem seus lados ruins, mas ele ajuda. E saber manejar dá um baita diferencial pra um profissional. Eu acredito que tecnologia tem esse ponto. Saiba manejar a tecnologia. Vale a pena mesmo.

Franciele | Pras pessoas que estão entrando na Museologia, você tem alguma dica, mensagem pra passar pra elas?

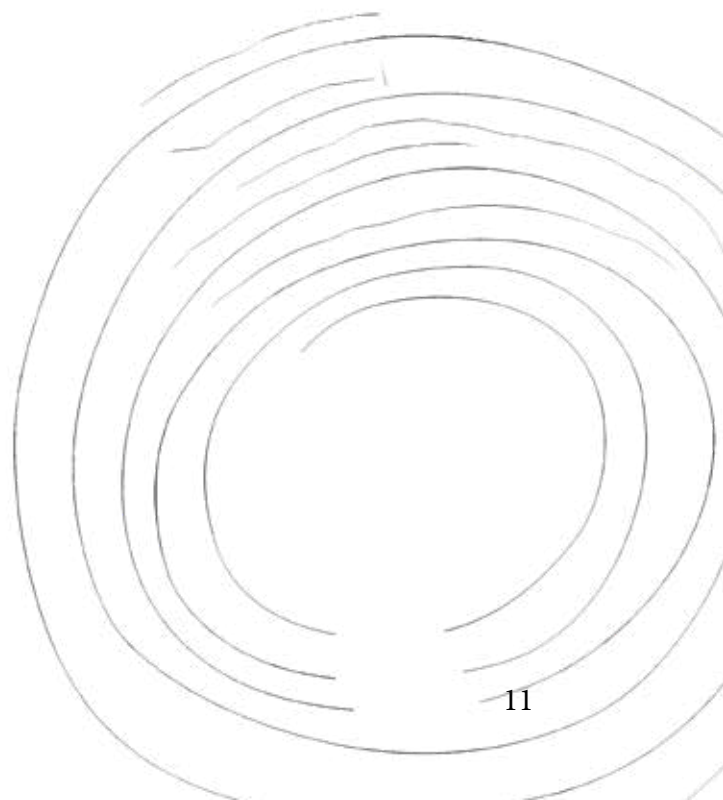
Ana Luisa | Tenho, sim. O mundo muda muito rápido. Eu vejo diferença de 2011 para cá, quando eu cheguei aqui em Curitiba e efetivamente considero que eu assentei na minha profissão. Então, o que eu diria para os museólogos que estão se formando é que eles vão ter que expandir os horizontes deles e se permitir talvez expandir até os horizontes de habilidades. Eu sei que dentro da Museologia (e aqui fala a educadora financeira junto com a Museologia) às vezes você não vai encontrar oportunidade, mas vai ter que fazer a sua oportunidade. Não tem jeito. Eu conversei com um grupo de alunos, acho que foi um ano atrás, mais ou menos, com uma turma de Museologia que estagiou no MAE, e algumas pessoas têm um perfil mais empreendedor, que vai, faz contato. Hoje em dia, feliz ou infelizmente (cada pessoa entenda do seu jeito), às vezes você não encontra a oportunidade como eu encontrei, tentando concurso. Às vezes não tem, e a gente foca no problema. Eu falo “Não foca no problema, vai atrás da solução”. Vai criar, vai empreender. Vou dizer pra vocês: é difícil, às vezes, principalmente aqui no sul, contratar uma empresa de Museologia. Como é difícil. Às vezes eu preciso (mesmo estando no público, de alguém para fazer mobiliário pra museu). No caso do MAE, a gente não precisa, mas outras instituições aceitam. Muitas vezes vão precisar de Plano Museológico, de uma consultoria pra poder fazer conservação, pra quando a pessoa não tem, porque os museus que não têm museólogo vão precisar contratar alguém. Então acho que a dica que eu posso dar é que, se você é uma pessoa mais ativa, vai estudar um pouquinho como você pode formar uma empresa de Museologia mesmo, na tua área. Vai estudar pra você pegar o teu trabalho de museólogo e rentabilizar isso. Fazer a tua própria atuação. Você pode ir para a área dos concursos, dos contratos, nada impede, mas se não tiver conseguindo romper essa barreira, por que não tentar? “Ah, Ana, mas eu não sou tão adepto de estar à frente, de estudar e de ir lá e de dar a cara”. Tem gente que não cumpre essa pegada empreendedora. Minha dica é se juntar com quem tem essa pegada. E normalmente quem tem essa pegada empreendedora, que é muito pra frente, precisa de alguém mais técnico por detrás dela pra contratar, porque às vezes quem é a cara da comunicação, do business, do “faz o negócio”, muitas vezes não tem tempo de sentar e executar a tarefa. Então você fazer essa rede de relacionamento profissional, às vezes na tua própria graduação, ver quem tem perfis diferentes e se juntar é muito importante, porque às vezes você identifica “essa pessoa é muito articulada, ela gosta, ela tem essa frente de atuação”. Faça amizade com essa pessoa, converse com ela, porque essa pessoa, se um dia tiver com um contrato, às vezes ela não vai dar conta de executar esse contrato sozinha, vai precisar de profissionais de confiança, de gente que vai executar certas tarefas ou ajudar. E aí você divide.

É assim que a empresa funciona. Então eu digo que acho que a grande dica é se você não consegue achar uma brecha no que já existe, cria e aí é um pouco empreender. Não tem o perfil, se junta com quem tem. Sempre tem gente que acaba tendo essa pegada um pouco mais empreendedora. E no sul ainda é um deserto, principalmente no Paraná. Cadê os profissionais de Museologia? Porque museólogo não atua só em museu. Fica a dica. Os museus precisam, mas tem muitas áreas culturais em que museólogo pode atuar também.

Franciele | Sim, fica a dica. Com certeza! E pros estudantes que ainda estão na graduação de Museologia, dá um conselho, uma dica para essas pessoas.

Ana Luisa | Vou dizer da minha experiência, que é muito de busca prática. Eu sei que às vezes a pessoa precisa do dinheiro, porque eu já tive no lugar dela, de precisar de grana. Ou pagava passagem ou almoçava. Mas eu acho que o grande diferencial para você ter competitividade no mercado de trabalho e também gerar experiências e começar a ter ideias é botar em prática o que você aprendeu. Então, se puder o quanto antes conseguir um estágio, que seja voluntário, e não precisa ser no museu, pode ser num arquivo, numa biblioteca, mas pelo menos pra você ter algum contato com algum tipo de acervo, já é incrível. “Ah, mas não dá pra ser no acervo.” Educativo, exposição, eventos culturais, ter qualquer prática ajuda demais. Tenta, óbvio, buscar algo de que você goste. “Eu gosto muito de documentação”. Tenta conseguir. Sempre tem alguma coisa, nem que seja voluntário, porque eu acho que essa experiência é muito rica de você olhar o que está aprendendo e botar em prática. Isso faz muita diferença. Inclusive, nos meus contratos do [Museu de] Belas Artes, eu lembro que a museóloga falou assim: “Ana, mas que currículo! Você acabou de se formar! De quantas exposições você participou? Você trabalhou com o Ivan, está trabalhando com conservação...” Então ela ficou impressionada. “Você acabou de se formar e já tem essa experiência!” É isso, bota a mão na massa, nem que seja voluntária. Eu sei que é fácil falar, mas se você puder botar a mão na massa, que seja como voluntário, fazer duas vezes na semana, ajudar com o acervo, às vezes até coleção particular, não se sabe, se oferecer e pegar essa experiência. Isso é legal para você saber o que gosta. Por exemplo, eu não gosto de conservação. Não adianta! Trabalho com isso? Trabalho. Sei fazer? Sei fazer. Muito bonitinho. Você gosta? Não gosto, mas como eu aprendi isso? Trabalhando! Trabalhando e falando “Esse aqui não gostei, não. Aquele ali eu gostei [inaudível].”

Franciele | Eu gostei mais...



Ana Luisa | A gente nunca sabe onde vai parar no museu. Eu poderia chegar e alguém falar “Vai trabalhar com conservação. Se vira.”

Franciele | E também vai muito de a gente perceber as necessidades do museu. Você percebeu muito a falta de comunicação do MAE. E foi para agregar nisso. Acho que tanto estudantes recém-formados quanto pra nós, museólogos já formados, precisam perceber essas necessidades dos museus. Acredito que seja isso.

Ana Luisa | Exato. Você vai ter que olhar e abraçar uma causa. Eu sei que você vai querer abraçar tudo e vão tentar fazer com que você pegue de tudo um pouco, mas você vai ter que priorizar uma área. E se puder escolher uma delas... Pode ser que você ganhe a área e que falem “Você vai trabalhar com isso.” E aí você não tem muita escolha, vai naquilo dali, mas se você puder priorizar, aí tem várias experiências, pelo menos você sabe qual você pode escolher e falar “Eu gosto, eu vou nessa, porque nessa aqui eu sei fazer isso bem, ou, se eu não faço bem, pelo menos eu tenho muita vontade de aprender e fazer isso bem.”

Franciele | Agora já caminhando pra parte final da nossa *live*. Gostaria de deixar alguma mensagem específica para quem vai ver a gravação? Pras pessoas que não acompanharam poder ver depois, para quem está assistindo...

Ana Luisa | A mensagem que eu posso deixar pro pessoal que vai assistir é dizer que qualquer profissão é desafiadora. Qualquer uma delas. Não é só a Museologia. Nós temos os nossos desafios aqui, mas acho que todas as profissões têm os seus desafios. E a questão mesmo é você encontrar o teu caminho. Isso vai exigir um pouco de persistência, de perseverança, às vezes você sair do caminho que você quer para chegar no destino aonde você vai. Eu digo que às vezes a gente tá num lugar e quer chegar em outro. A gente acha que a vida, o caminho profissional vai ser uma linha reta, e não é. Muitas vezes você vai fazer esses desvios (e se permita a ter esses desvios, mas nunca perca de vista o seu destino final). Eu experimentei as coisas mais ou menos sabendo o que eu queria. Eu não sabia onde eu iria parar, mas eu sentia “Isso daqui não é o que eu quero, esse ainda não.” “Ah, esse é o meu caminho”. Então você vai construindo e vai abrir a tua estrada. Isso exige um pouco de perseverança, de resistência, de às vezes você empreender, mas o que eu não perdia de vista: “Eu quero ir pra Museologia.” Isso aqui não é o definitivo, é temporário. Eu poderia ter ido definitivo, sei lá, hoje, de repente. Se eu tivesse só vendido bolo e sanduíche, eu tava vai saber onde. Era só um bico, era só um desvio no caminho pra poder conseguir me manter no caminho que eu criei. Eu sei que isso é difícil, não é fácil, já fui estudante, já passei perrengue, mas o que eu digo é “Persevere e tenha em vista que a vida não é uma linha reta. Você vai precisar fazer curvas, e essas curvas são importantes e contribuem para o teu aprendizado. Se permita se desviar do caminho, às vezes, digo, de não fazer a linha reta. “Ah, mas eu só quero se for aquele”. Faça esses desvios. Ou, surgiu uma oportunidade, tenha essa experiência e, assim que você puder, volte pro teu rumo. Você já adquire essa experiência, tua bagagem vai aumentando, a tua experiência vai aumentando e você vai entendendo que talvez aquele destino final que você fala (que eu brinquei do Museu Nacional)... Talvez não seja o Museu Nacional, mas a experiência do museu universitário, com um acervo próximo daquele já me fez muito feliz. Então, se talvez tivesse dado certo um museu de arte, talvez eu tivesse gostado também, porque eu tive boas experiências no museu de arte, porém não gostei. Mas acima de tudo, você persistir, não desistir, porque eu acho que você perde [inaudível], e não é fácil, eu sei disso, financeiramente falando. Mas tem solução. Fica a dica. Museólogos têm espaço, muito espaço pra parte

de empresa. Só dar uma atençãozinha ali, porque a gente precisa mesmo no público. Às vezes eu procurei empresas de Museologia e é difícil conseguir, porque são três orçamentos. Eu precisava de três empresas e só consegui uma.

Franciele | Sim. Então é isso, Ana, obrigada pela dica, por informar essas coisas todas pra gente. Quero agradecer a sua disponibilidade em participar da *live* e obrigada pelas dicas. Quem quiser entrar em contato com você, como faz? Tem e-mail?

Ana Luisa | Tem e-mail, inclusive se o pessoal que estiver assistindo quiser deixar um coraçãozinho. Sou dessas, blogueira (risos).

Franciele | Blogueirinha. (risos)

Ana Luisa | Se quiser fazer contato, dá para seguir as redes sociais do @maeufpr. E quem quer fazer contato comigo, meu e-mail institucional é luisa.mello@ufpr.br. Aí então você pode me mandar uma mensagem ou, qualquer coisa, vai lá no Instagram ou Face do museu. Alguém vai repassar a mensagem ou, se for no e-mail, vai direto para mim. Pode fazer contato comigo, que assim que der eu vou responder. Eu sempre estou de olho lá.

Franciele | E na parte da educação financeira, se alguém tiver alguma dúvida, pode entrar em contato também?

Ana Luisa | Pode entrar em contato também se quiser. É mais fácil falar comigo no meu Instagram. Eu tenho um Instagram chamado @temeducacaofinanceira. Já segue as dicas, pode botar em prática que dá certo.

Franciele | Aí, gente, olha, além de museóloga, empreendedora, educadora financeira.

Ana Luisa | Ex-militar...

Franciele | Uma pessoa para cima. Adorei! Então é isso, Ana, obrigada novamente pela sua disponibilidade. Em nome do conselho, a gente agradece e espero trocar outras informações.

Ana Luisa | Por favor. Aliás, fica o convite pro pessoal. Quem puder ir, obviamente. Em Fortaleza, em novembro, vai ter o Fórum Nacional de Museus. Eu estarei lá.

Franciele | Vamos nos encontrar lá, sim.

Ana Luisa | Excelente, a gente se vê por lá. Onde se discutem as políticas. Então é bem importante participar.

Franciele | E também é importante participar do conselho. Estamos com vagas abertas pra comissão eleitoral. Depois a gente vai fazer as nossas eleições. Então fica a dica e fica o convite, Ana, pra você participar também da nossa comissão eleitoral. Quem sabe?

Ana Luisa | Com certeza. Tenho que me mexer.

Franciele | União de classe. Obrigada. Um abraço. Qualquer coisa pode entrar em contato.

Ana Luisa | Está ótimo. Pode deixar. Fica o convite também pra galera e vamos continuar reforçando a Museologia.

Franciele | É isso aí! Até mais. Obrigada, Ana. Obrigada a todos que assistiram. Vou deixar salva a *live*. Tchau, tchau.

Ana Luisa | Tchau.

Conselho Regional de Museologia 5ª Região PR/SC

O Conselho Regional de Museologia da 5.ª Região – COREM 5R, que compreende os estados de Santa Catarina e Paraná, é uma autarquia de caráter fiscalizador e orientador do exercício da profissão de museólogo, conforme previsto na Lei n.º 7.287/1984 e regulamentado pelo Decreto n.º 91.775/1985.

Exerce um papel fundamental na valorização e no fortalecimento da profissão de museólogo na região sul do Brasil, assegurando que as atividades museológicas sejam conduzidas por profissionais devidamente registrados, regulares e comprometidos com a ética profissional e com os parâmetros técnicos estabelecidos. A abrangência territorial do COREM 5R engloba uma região caracterizada por sua rica diversidade cultural, histórica e patrimonial.

Os estados de Santa Catarina e Paraná contam com expressivo número de museus, espaços de memória e instituições culturais que desempenham papel essencial na preservação e promoção do patrimônio material e imaterial. Nesse contexto, o conselho torna-se um agente estratégico na articulação entre profissionais, instituições e sociedade civil.

Entre suas principais atribuições, estão o registro e a fiscalização do exercício profissional, o zelo pelo cumprimento do Código de Ética Profissional do Museólogo, bem como a promoção de ações orientativas e educativas voltadas ao fortalecimento da Museologia como campo científico e profissional. O COREM 5R também atua como instância consultiva e propositiva com órgãos governamentais e entidades da sociedade civil.

Ao assegurar a qualificação técnica dos profissionais e a observância das normas éticas e legais, contribui diretamente para a preservação, valorização e difusão do patrimônio cultural da região, promovendo uma Museologia comprometida com a legislação brasileira, com a responsabilidade social e solidária, com a sustentabilidade e com o fortalecimento das identidades locais.

Dessa forma, o Conselho Regional de Museologia da 5ª Região reafirma seu compromisso institucional com a sociedade, com os museólogos e com a proteção e valorização do patrimônio cultural nos estados de Santa Catarina e Paraná.

SITE

www.corem5r.org.br

INSTAGRAM

[@corem5r](https://www.instagram.com/corem5r)

E-MAIL PRESIDÊNCIA

presidente.corem5r@gmail.com

E-MAIL SECRETARIA

contato@corem5r.org.br

E-MAIL TESOURARIA

tesourariacorem5r@gmail.com

ENDEREÇO COREM 5R

Av. Mauro Ramos, 1344 - Centro
Florianópolis/SC CEP: 88020-302

WHATSAPP COREM 5R

48 9 9994.5855